

"A nova «descoberta» portuguesa da Europa renovou espírito do mosteiro dos Jerónimos" in Diário de Notícias (13 Junho 1985)

Caption: A 13 de Junho de 1985, o jornal lisboeta Diário de Notícias comenta a cerimónia de assinatura do Tratado de Adesão de Portugal às Comunidades Europeias que teve lugar na véspera em Lisboa.

Source: Diário de Notícias. dir. de publ. Mesquita, Mário. 13.06.1985, n° 42 455. Lisboa.

Copyright: (c) Diário de Notícias

URL:

[http://www.cvce.eu/obj/"a_nova_descoberta_portuguesa_da_europa_renovou_espirito_do_mosteiro_dos_jeronimos"_in_diario_de_noticias_13_junho_1985-pt-b5804105-3696-475e-a6c5-91c652292cb7.html](http://www.cvce.eu/obj/)

Publication date: 17/09/2012

A nova «descoberta» portuguesa da Europa renovou espírito do mosteiro dos Jerónimos

O terreiro central do claustro dos Jerónimos foi ontem um espaço comunitário: as vozes do presidente do Conselho Europeu (Bettino Craxi), do presidente do Conselho das Comunidades Europeias (Giulio Andreotti) e do presidente da Comissão das Comunidades Europeias (Jacques Delors) renovaram o espírito da pedra lioz com que o monumento foi construído. A nova «descoberta» portuguesa da Europa foi ali tratada como assunto de Estado.

Tudo o que o claustro dos Jerónimos possui em harmonia decorativa, passou ontem para segundo plano. Iniciais, esferas armilares, cruzes de Cristo, escudos e medalhões que atestam uma empreitada começada com o cinzel dos mestres manuelinos, acabou por ficar coberta por uma imensa lona concebida para dar alguma arquitectura de sentimento aos discursos e assinaturas que, num misto de baptizado, assunto de Estado e casamento, integraram Portugal na Europa comunitária.

Os ministros plenipotenciários demoraram escassos dez minutos a assinar o Tratado de Adesão de Portugal, culminando a cerimónia às 10 e 33, com Mário Soares a colocar o seu nome no livro da nova Europa.

A sessão começou cerca das 10 horas e foi aberta pelo Presidente em exercício da Comunidade Europeia, Bettino Craxi, tendo Mário Soares dado as boas-vindas às delegações estrangeiras poucos minutos depois. Giulio Andreotti fez um breve discurso de nove minutos, seguindo-se depois a vez de Jacques Delors, presidente das Comunidades Europeias. A cerimónia da assinatura do Tratado de Adesão iniciou-se às 10 e 20 com a chamada do primeiro-ministro belga, seguindo-se os representantes dos Estados membros das Comunidades, segundo uma ordem alfabética pronunciada nas respectivas línguas nacionais.

Cerca de 700 convidados estavam presentes, mas algumas cadeiras ficaram vazias. A CIP, a CGTP e os deputados comunistas manifestaram o seu desacordo com a adesão de Portugal à CEE, deixando vagos os lugares que lhes tinham sido reservados. Presentes, todas as restantes forças políticas portuguesas, associações empresariais e patronais, corpo diplomático acreditado em Portugal, antigos ministros e líderes políticos.

A Espanha, ali presente, também, por conta de uma delegação chefiada pelo presidente do Governo de Madrid, Felipe González. O governante espanhol foi o décimo primeiro a chegar à mesa das assinaturas, quebrando a ordem alfabética por motivos protocolares. Mário Soares foi o último a assinar.

Soares e González foram particularmente aplaudidos pela assistência, pois eles representavam os países que estavam a «descobrir» a Europa e a quem a Europa estava a descobrir.

Depois, o mais longo discurso da manhã, com Mário Soares, durante 21 minutos, numa intervenção marcada pelo optimismo. Durante a intervenção de Soares, aplausos quando foram citados os nomes de Adelino Amaro da Costa, Sá Carneiro e Mota Pinto, como tendo desempenhado um papel importante para a entrada de Portugal na Comunidade. Mas especialmente bem soletrado foi o nome de Ramalho Eanes de tal forma que se gerou um daqueles silêncios através dos quais se tenta interpretar a intenção e o sentimento do orador através da pesagem das sílabas pronunciadas. Os jornalistas olharam uns para os outros, e o Presidente da República, ausente dali, entrou por esta via, para o claustro da adesão.

Outro nome jamais esquecido por Mário Soares: António Sérgio. E mais ainda, entre os que estavam presentes: Jaime Gama, Ernâni Lopes e António Marta, além das referências expressas aos presidentes dos governos regionais da Madeira e dos Açores.

Os últimos aplausos da manhã foram, todavia, destinados à Espanha, quando Mário Soares falou das relações entre os dois países da Península.

Às 10 e 55, as autoridades da Comunidade Europeia, chefes de Governos e dirigentes portugueses, encaminharam-se para o Palácio de Belém, pouco mais de quinhentos metros à saída do Mosteiro dos

Jerónimos. Na residência oficial do Presidente da República, os ministros plenipotenciários da Comunidade foram recebidos por Ramalho Eanes.

Tudo isto decorreu sob discreta vigilância dos elementos de segurança em cujos ombros caía pesada responsabilidade.

Portugal era já, à letra, o 11.º Estado membro da Comunidade Europeia.

As delegações comunitárias presentes na cerimónia da assinatura do Tratado de Adesão foram chefiadas pelas seguintes personalidades: Bélgica, Wilfred Martens (primeiro-ministro); França, Roland Dumas (ministro dos Negócios Estrangeiros); Reino Unido, Geoffrey Howe (ministro dos Negócios Estrangeiros); Holanda, Ruud Lubers (primeiro-ministro); Itália, Bettino Craxi (primeiro-ministro); Grécia, Yannis Harambopoulos (ministro dos Negócios Estrangeiros); Dinamarca, Paul Schluter (primeiro-ministro); Luxemburgo, Jacques Poos (ministro dos Negócios Estrangeiros); Irlanda, Garret Fitzgerald (primeiro-ministro) e República Federal da Alemanha, Hans-Dietrich Genscher (ministro dos Negócios Estrangeiros).

Entretanto, soube-se que Mário Soares tinha preparada uma mensagem pessoal a enviar ao presidente François Mitterrand, apresentando «fraternas saudações» e evocando o dia em que o Presidente da República francesa se deslocara a Lisboa para anunciar ao Governo português «a irreversibilidade da adesão».

Todavia, foi particularmente notada, entre os convidados alinhados no claustro dos Jerónimos, a presença do embaixador Siqueira Freire. Foi este diplomata que em 28 de Março de 1977, na qualidade de representante de Portugal junto das Comunidades, entregou às autoridades europeias, em Bruxelas o pedido formal da adesão.

No terreiro, estava também a ex-presidente do Parlamento Europeu, Simone Weil, e Roy Jenkins, que liderou a Comissão Europeia entre 1977 e 1981.

Entre as muitas personalidades da vida política portuguesa, notavam-se as presenças de Pinto Balsemão, Freitas do Amaral, Cavaco Silva, Maria de Lurdes Pintasilgo, Melo Antunes, Lucas Pires, Mota Amaral, Alberto João Jardim, Vítor Constâncio, Rui Vilar, Silva Lopes, António de Spínola, Lemos Ferreira, Sousa Leitão, Lopes Cardoso, Azeredo Perdigão, Cáceres Monteiro, Miguel Galvão Teles e Manuel Alegre.

Após a sessão de cumprimentos ao Presidente da República, as autoridades portuguesas ofereceram um almoço nos corredores superiores do claustro.

Antes, cerca de dois milhões de portugueses tinham seguido pela televisão a transmissão directa das cerimónias.

À margem do cerimonial, no exterior do mosteiro, dezenas de «resistentes» aguentaram-se na expectativa de poderem ver ao perto algumas das célebres individualidades vindas das capitais europeias. Uma manifestação de simpatia fez com que alguns gritassem «Mário, Mário», quando o primeiro-ministro tomou lugar no cortejo de chefes de governo que se dirigiam para o Palácio de Belém, enquanto um grupo de trabalhadores da Messa não perdeu a oportunidade para uma chamada de atenção aos seis meses de salários em atraso com que se debatem. São coisas que, a partir de agora, deixam de ser ditas como acontecendo «lá pela Europa fora», para começarem a ser pensadas como «cá na Europa».

Mas, o dia do tratado começou na Torre de Belém, onde as delegações comunitárias, que começaram a chegar às 8 e 50, foram recebidas com guarda de honra pelo primeiro-ministro português.

O primeiro a chegar à velha torre, foi o secretário-geral das Comunidades, R. Spall.